

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
 Centro Regional do Porto
 Faculdade de Teologia

HUMANÍSTICA E TEOLOGIA
 Publicação Quadrimestral

Edição e propriedade da Faculdade de Teologia
 Rua Diogo Botelho, 1327 (Tel. 680236)
 4100 PORTO
 PORTUGAL

Assinatura Anual (a partir de 1989)

Portugal	1000\$00
Estrangeiro	US\$18.00

Fascículo avulso

Portugal	350\$00
Estrangeiro	US\$ 7.00

Ano 9 — Setembro-Dezembro de 1988 Fasc. 3

Director: Carlos A. Moreira Azevedo

Conselho da Direcção:

Angelo Alves
 António Maria Bessa Taipa
 Joaquim Monteiro
 Manuel de Pinho Ferreira

1988

Composto e impresso:

Editora Correio do Minho — Braga
 Depósito Legal: 18086/87

A Ressurreição de Jesus: Experiência e Testemunho*

A vasta reflexão bíblica e teológica dos nossos tempos está longe de ter explicado num sistema global e coerente a afirmação central da fé cristã: «Cristo ressuscitou». De uma breve análise da actual bibliografia sobre a Ressurreição de Cristo, conclui-se que a principal dificuldade dos estudiosos se situa ao nível metodológico¹. Com efeito, apesar de o clássico método histórico-crítico se ter revelado como manifestamente insuficiente, ele continua impôr-se como suporte indispensável de uma sã hermenêutica. Nenhuma exegese poderá deixar de individuar a história da formação das tradições pascais e a natureza do dado histórico que essas tradições pretendem transmitir. Porém, tratando-se de um acontecimento estritamente teológico, nenhuma metodologia histórica poderá explicá-lo adequadamente. Requer-se um critério hermenêutico que tenha em conta o carácter especificamente teológico do assunto versado.

No presente trabalho não tratarei da Ressurreição de Jesus no seu aspecto histórico. Com efeito, o Novo Testamento não nos relata a Ressurreição como um facto historicamente verificado por testemunhas imediatas, mas como um acontecimento misterioso, que se manifesta na história mediante as aparições². Por outra parte, o termo «ressuscitar» carece de uma interpretação, que deve ser feita com o auxílio de outras formas da

* Com a publicação deste artigo pretendemos assinalar a recente nomeação do seu autor para Director da nossa Faculdade de Teologia.

¹ Cf. G. GHIBERTI, «La Risurrezione di Gesù: Realtà Storica e Interpretazione», in *Problemi e Prospettive di Scienze Bibliche*. Brescia, 1981, 349-385.

² Cf. K. LEHMANN, «Zur Frage nach dem 'Wesen' der Erscheinungen des Herrn», in *Resurrexit*. Città del Vaticano, 1974, 279-315.

linguagem. Por isso parece-me preferível fazer uma abordagem indirecta, deixando transitar a acção interpretativa dos relatos para aqueles que se apresentam como testemunhas do acontecimento pascal. A nossa pergunta inicial será pois a seguinte: que é que os Apóstolos e os outros discípulos pretendiam significar quando afirmavam: «Cristo ressuscitou»? Em seguida, abordaremos a questão hermenêutica, procurando compreender o conteúdo desta fórmula da fé pascal.

1 — Testemunho da Ressurreição

No quérigma primitivo a identidade dos discípulos era apresentada mediante o conceito do *testemunho*. Eles tinham recebido a missão de serem «testemunhas» de Cristo, sobretudo da sua Ressurreição (Act 1,22; 2,32; 3,15; 4,20.33; 8,25; 10,39-42; 13,31). O mesmo conceito parece enformar todo o 3.º Evangelho, que numa inclusão semítica começa e termina com uma referência ao testemunho dos discípulos. Lucas atribui as informações de que dispôs para a composição do seu primeiro volume àqueles que «foram desde o princípio testemunhas oculares e que se tornaram ministros da palavra» (Lc 1,2). Na instrução do Ressuscitado aos Onze, estes recebem a tarefa de serem testemunhas dos acontecimentos pascais (Lc 24,48).

Mas qual é a natureza e o objecto do testemunho apostólico? Alguns autores afirmam que os discípulos se consideravam testemunhas enquanto «garantes dos factos». Porém estudos recentes bem documentados rejeitam categoricamente esta interpretação³. Com efeito, os Evangelistas são unânimes em afirmar que a constatação dos factos empíricos, tais como a descoberta do túmulo vazio, deixou os discípulos na perplexidade e não os conduziu à fé (cf. Lc 24,24.41; Mc 16,8; Jo 20,13). Só a elucidação dos «factos» feita pelo Senhor ressuscitado é que abriu os seus espíritos para acreditarem. Jesus explica-lhes o sentido dos acontecimentos a partir das Escrituras (Lc 24,27.45). Deste ensinamento, que no Evangelho de Lucas constitui o centro da revelação pascal, é que os discípulos são constituídos testemunhas. Jesus interpreta-lhes as Escrituras demonstrando que elas se

³ Cf. R.-J. DILLON, *From Eye-Witnesses to Ministers of the Word*. Rome, 1978.

cumprem nele próprio. Não é diversa a situação dos discursos dos Actos dos Apóstolos, onde a referência às testemunhas é sempre precedida do argumento das Escrituras (cf. Act 2,32; 5,32; 13,31). Numa contínua dialéctica entre o Deus de Israel, que chama o seu povo à conversão, e o povo, que se recusa a ouvir a sua voz, os discípulos recebem a missão de serem os porta-vozes de Deus, os profetas da Nova Aliança, em continuidade com o ministério de Jesus. Eles são as testemunhas do Reino de Deus, que se manifesta a todos os homens por meio de Jesus Cristo. Por isso eles anunciam o arrependimento e o perdão dos pecados (cf. Lc 24,47).

Concluimos portanto que o constitutivo formal do testemunho dos discípulos é a revelação do sentido das Escrituras em relação com os acontecimentos pascais.

2 — Experiência da Ressurreição

Devemos agora fazer remontar a nossa análise até aos acontecimentos que deram origem ao testemunho dos primeiros pregadores. Estes não se apresentam como garantes da verdade histórica de factos empíricos, mas como porta-vozes de uma revelação do Ressuscitado. Tal revelação é representada pelas aparições, que devem ser entendidas como uma conceptualização da experiência pascal dos discípulos e como meio pelo qual nós atingimos a realidade da Ressurreição. Com efeito, como já referimos, a Ressurreição é um acontecimento de natureza estritamente teológica, um mistério escondido junto de Deus, que na sua total dimensão transcendental se subtrai à inteligência humana. É uma acção do poder de Deus (cf. Ef 1,9; Rom 6,4), que faz passar Jesus da morte à vida (cf. 2 Cor 4,14; Gal 1,1; Rom 8,11; Col 2,12). Em razão deste seu carácter teológico ela não pode ser atingida senão por um auto-testemunho do Ressuscitado, que por sua vez só é possível através da sua inserção na experiência espacio-temporal dos seus discípulos. Porém, nestas manifestações, o acontecimento da Ressurreição mantém o seu carácter escatológico e não pode fixar-se na história; mas ele manifesta-se historicamente nas aparições do Senhor, isto é, na experiência dos discípulos, que é o meio pelo qual nós atingimos o acontecimento escatológico da Ressurreição. Todavia a expe-

riência pascal não se identifica com o mistério pascal, mas dá-o a conhecer e ilumina o seu sentido.

Em que modo é que o Ressuscitado se manifesta nas aparições? A linguagem bíblica supõe que haja um acto do Senhor, que se torna visível, e um acto dos beneficiários da sua manifestação, que é um novo modo de ver. O interesse principal não se situa da parte do sujeito, mas da parte do objecto da aparição. É Cristo quem se dá a conhecer e que torna possível o «ver» dos discípulos. Mas estes não são meros beneficiários de uma «visão»: eles participam activamente na auto-manifestação do Ressuscitado com a resposta da fé.

A natureza das aparições manifesta-se sobretudo na missão e no testemunho que o Ressuscitado confere aos seus discípulos. Lucas e João dão um especial valor teológico ao tempo destinado às aparições: ele fundamenta a fé dos Apóstolos e dos outros discípulos. Com o termo das aparições surge a fé pos-pascal, onde os bem-aventurados são «aqueles que crêem sem terem visto» (Jo 20,29).

Daqui se conclui que os acontecimentos que constituem a experiência pascal dos discípulos não se situam na esfera do factual, não se deixam verificar pelos métodos históricos. Eles são antes de natureza teológica: são o meio pelo qual a Ressurreição actua no mundo dos homens e os interpela.

3 — Teologia da Ressurreição

Na procura de uma resposta para a questão inicial, isto é: que é que os Apóstolos e os outros discípulos pretendiam significar quando afirmavam que Cristo ressuscitou, mediante a análise dos conceitos do «testemunho» e das «aparições» chegamos à conclusão que os discípulos entendiam a Ressurreição de Cristo a partir da sua auto-revelação, não em base a factos históricos. Resta-nos agora procurar entender o acontecimento misterioso que fundamenta esta experiência de fé mediante uma hermenêutica da linguagem que serve a veiculá-lo⁴.

⁴ Além de vários artigos de *Resurrexit* (Actes du Symposium International sur la Résurrection de Jésus), Vaticano, 1974, assinalamos os seguintes estudos: B. RIGAUX, *Dieu l'a ressuscité*. Gembloux, 1973, pp. 249-315; X. LEON-DUFOUR, *Résurrection de Jésus et Message pascal*. Paris, 1971, pp. 249-315; G. O'COLLINS, *The Resurrection of Jesus Christ*.

A hermenêutica da linguagem foi ensaiada em primeiro lugar por R. Bultmann e posteriormente por diversos intérpretes, tanto protestantes como católicos. Para Bultmann a Ressurreição não pode ser compreendida senão em relação com a Cruz. Ela é em linguagem mítica a descrição da verdade que a morte de Jesus sobre a Cruz não é somente uma morte humana ordinária, mas é ao mesmo tempo a revelação da salvação de Deus. Neste acto Deus julga o mundo e liberta-o em vista a uma nova compreensão de si. É aqui que se encontra a verdadeira fé pascal. A Páscoa não é um acontecimento que se deu em Jesus morto, não é um despertar da morte; ela é antes a realização da palavra da Cruz, que vem juntar-se à Cruz e torná-la compreensível como facto de salvação. Para o Professor de Marburgo, Jesus *ressuscitou no quérigma*, no sentido que nós somos interpelados pelo quérigma que nos é dirigido e nesta apóstrofe o acontecimento de Jesus Cristo torna-se presente, atingindo-nos na nossa existência⁵.

Esta hermenêutica bultmaniana causou acesas discussões nos meios teológicos alemães. J. Schniewind acusou Bultmann de não se ter expresso com suficiente clareza sobre a realidade do acontecimento pascal. Por sua vez R. Bultmann respondeu-lhe que o objectivo dos relatos pascais era simplesmente o de anunciar o testemunho dos discípulos. Nesta discussão entre Karl Barth, que embora reconhecendo que a Ressurreição é inacessível à pesquisa histórica afirma que se trata de um facto real pertencente ao espaço e ao tempo, que teve lugar em presença de homens determinados. Só o estreito contorno histórico deste acontecimento pode entrar em linha de consideração na pesquisa histórica. Barth insiste na realidade do acontecimento e na sua validade para nós e não aceita a posição de Bultmann por correr o risco de confundir a Ressurreição como fundamento da fé com a fé como consequência da Ressurreição.

Valley Forge (Pennsylvania), 1973, pp. 57-138; J. DELORME, «La resurrección de Jesús en el lenguaje del Nuevo Testamento», in *El lenguaje de la fe en la Escritura y en el mundo actual*. Salamanca, 1974, pp. 99-222; M. GOURGUES, *A la droite de Dieu. Résurrection de Jésus et actualisation du Psaume 110,1 dans le Nouveau Testament*, Paris, 1987.

⁵ R. BULTMANN, *Kerygma und Mythos*, Hamburg, 1948, I, pp. 15-48.

Não menos acesa foi a polémica que se travou à volta dos escritos de Willi Marxsen, para quem o vocabulário da «ressurreição» é, entre outros, um modo de interpretação (*Interpretament*) que não se impõe⁶. Com efeito não é esta a linguagem mais antiga. A essência do encontro com Jesus é um «ver», um ver funcional orientado para uma missão. A experiência do encontro do Ressuscitado com os discípulos consiste propriamente na continuação da obra de Deus em Jesus.

No campo católico, o exegeta francês Xavier Léon-Dufour acusa Bultmann e Barth de não terem ido mais longe na crítica da linguagem. O primeiro, renunciando demasiadamente depressa ao acontecimento referido pela linguagem, redú-lo àquilo que se dá na minha existência actual, enquanto que a linguagem como tal supõe como condição de possibilidade alguma coisa na sua origem, um «acontecimento» que se deu. O outro pretende atingir o acontecimento primeiro, mas não reconhecendo a relação necessária que une linguagem e acontecimento não salvaguarda a função única da linguagem original. Ora não é o acontecimento passado que nós interpretamos, mas a linguagem na qual nos é apresentado o acontecimento de outrora. A hermenêutica não se refere senão indirectamente ao facto, mas directamente à linguagem na qual ele é directamente comunicado⁷.

Apesar do bem-fundado das críticas que por toda a parte se tecem contra Bultmann e Marxsen, é incontestável que estes críticos conservam o grande mérito de terem superado os limites da crítica literária e histórica e de terem tratado da Ressurreição hermeneuticamente.

J. Delorme e X. Léon-Dufour tentaram situar toda a problemática da Ressurreição de Cristo ao nível da crítica da linguagem. J. Delorme analisa os diversos meios de expressão e conclui que o vocabulário e os esquemas imaginativos da *ressur-*

⁶ W. MARXSEN, *Die Auferstehung Jesu als historisches und theologisches Problem*. Gütersloh, 1964; Id., *Die Auferstehung Jesu von Nazareth*, Gütersloh, 1968 — ed. esp. Barcelona, 1974.

⁷ X. LEON-DUFOUR, «Apparitions du Ressuscité et herméneutique», in *La Résurrection du Christ et l'exégèse moderne*, Paris, 1959, pp. 153-173; Id., *Résurrection de Jésus et Message pascal*, pp. 14-19; M. CARREZ, «L'herméneutique paulinienne de la résurrection», in *La résurrection du Christ et l'exégèse moderne*, pp. 66-73; J. DELORME, art. cit., espec., pp. 169 ss.; B. RIGAUX, *op. cit.*, pp. 346 ss.

reição e da *vida* oferecem à fé pascal possibilidades de expressão que podem conjugar-se, mas que continuam sendo limitadas, pois revelam-se insuficientes quando a fé tem necessidade de um desenvolvimento. A fé expressa mais quando emprega termos da «vida» do que quando emprega termos da «ressurreição»; com efeito, esta qualifica-se pela vida que inaugura, enquanto a vida permite definir a ressurreição escatológica. Mas a vida e a ressurreição giram com cambiantes diversas à volta do mesmo eixo semântico fundamental, aquele em que se opõem a *vida* e a *morte*. Por isso também as duas evocam os modelos da vida corpórea terrena projectada para além da morte. Para purificar esses modelos, a linguagem tem de apelar para outras oposições, que efectivamente se encontram noutras expressões da fé pascal. Também Léon-Dufour distingue estas duas linguagens e afirma que não basta juntá-las uma à outra, mas que é preciso compreendê-las, situando-as ambas no seu meio respectivo de pensamento. A linguagem na qual se há-de transmitir a experiência apostólica deve exprimir que *aquele que morreu vive para sempre*.

A referida linguagem pode classificar-se como linguagem do «Esquema R, ou Ressurreição». Mas há uma outra linguagem, que habitualmente se designa por vocabulário do «Esquema E, ou Exaltação»⁸. Este segundo esquema envolve uma série de oposições, tais como: *em cima/em baixo, céu/terra, espírito/carne, Deus/homem*, que obrigam a pensar noutra vida. As expressões que evocam uma elevação têm tendência a englobar as afirmações da Ressurreição de Jesus. O esquema diacrónico de Lucas relaciona entre si a ressurreição e exaltação como dois actos sucessivos. A ressurreição permite a Jesus reatar as suas relações com os Apóstolos, encarregados de assegurar a continuidade entre o seu tempo e o tempo da Igreja. A exaltação intervém sob a forma visível da Ascensão, após um breve espaço de tempo, apresentado convencionalmente como um grande dia (Lc 24,50-51), ou um período de 40 dias (Act 1,3-9). Também o primeiro discurso de Pedro na festa de Pentecostes expõe sucessivamente a actividade de Jesus, a sua Paixão e Morte, a sua Ressurreição, a sua elevação à direita de Deus e a efusão do Espírito Santo. (Act 2,22-36).

⁸ Cf. X. LEON-DUFOUR, *op. cit.*, pp. 29-79; J. DELORME, art. cit., 123-140; M. GOURGUES, *op. cit.*, p. 35 ss.

Em alguns textos mais antigos, a ressurreição e exaltação designam-se com dois verbos coordenados, que poderiam referir-se a dois factos sucessivos. Mas como não há espaço de tempo entre eles, a ressurreição apresenta-se mais como o início da exaltação, ou esta como consequência daquela: «Acreditais em Deus, que o ressuscitou de entre os mortos e lhe deu a glória» (1 Pe 1,21; cf. Rom 8,34; Ef 1,20-21; 1 Pe 3,21-22). Nestes textos a exaltação desempenha uma função de ordem hermenêutica em relação com a ressurreição. O vocabulário da ressurreição revela-se como insuficiente para distinguir o regresso à vida de um Lázaro e a ressurreição escatológica. Por isso é necessário qualificar a vida ressuscitada. O eixo semântico *vida-morte* permite esta qualificação negando toda a possibilidade de morte para designar a vida eterna. É assim que Léon-Dufour sintetiza a experiência apostólica com a frase: «aquele que morreu vive para sempre». Todavia há outras qualificações, talvez mais expressivas, que usam a oposição *em cima/em baixo* (céu/terra, espírito/carne, Deus/homem). Este eixo semântico desempenha em relação ao eixo *vida-morte* a mesma função que a ressurreição. Em dois textos epistolares (Fil 2,6-11; 1 Tim 3,16) prescinde-se totalmente do vocabulário da ressurreição e da vida para se expressar a fé no acto divino que fez passar Cristo da humilhação à exaltação, de uma existência carnal à glória celeste.

A antítese *humilhação-exaltação* estava muito difundida na literatura bíblica e judaica. Ela encontra-se nos Salmos e nos poemas do Servo de Javé (cf. Is 52,13-53). Segundo a tradição evangélica das palavras de Jesus, «quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado» (Mt 23,12; Lc 14,11; 18,14; cf. Ez 21,31; Jo 22,29; Prov 29,23). A esperança escatológica induzia a dar maior relevo ao vocabulário e às imagens da exaltação. Assim parece que a fé pascal pôde, desde o princípio, falar da exaltação celestial de Jesus sem falar da ressurreição. Mas não podemos considerar como criticamente estabelecida a anterioridade da linguagem da exaltação em relação à linguagem da ressurreição, nem que elas sejam de origens totalmente distintas uma da outra.

Concluimos, pois, que o vocabulário da ressurreição e da vida se enquadra no eixo semântico *vida-morte*, enquanto o vocabulário da exaltação tem a sua origem no eixo semântico *em cima-em baixo*. As representações evocadas pelo primeiro têm

de ser corrigidas pelo segundo, que as faz transpor para uma outra esfera da existência. Esta interferência de eixos semânticos diferentes poderia caracterizar a linguagem da fé.

4 — Conclusão

O anúncio querigmático da fé pascal sintetizado na fórmula «Cristo ressuscitou» refere-nos um acontecimento real, cujos contornos históricos podem ser conhecidos por métodos positivos. Mas este acontecimento em si é de natureza estritamente teológica e como tal não pode ser atingido senão por revelação. A Ressurreição é uma acção de Deus em Jesus Cristo, revelada aos discípulos na experiência pascal. Os autores do N.T. utilizaram uma linguagem, que deve ser compreendida. Mas só a linguagem é objecto de interpretação, não o acontecimento. Interpretar a linguagem não é substituí-la por outra, pois a linguagem bíblica conserva um valor referencial e normativo para a formulação da fé cristã. O mistério pascal deverá, pois, ser anunciado com a fórmula bíblica recebida: «Cristo ressuscitou».

M. Isidro Alves

Director da Faculdade de Teologia
da UCP